

O NAVIO FANTASMA

O ano era 1710, avistamos um navio que parecia estar abandonado, mudamos nossa rota original e navegamos em direção a ele. Estávamos indo para as Índias e norte da África, partindo da Inglaterra sobre os comandos do capitão George, apenas mais uma viagem rotineira de comércio entre nosso país e o mundo. Quanto a mim, me chamo Richard, entre meus passatempos favoritos estão incluídos; botânica, geologia, zoologia entre outras coisas. Na verdade, sou um cientista e desbravador do novo mundo, apaixonado pela natureza, em suas mais diversificadas formas. Quando não estou lecionando, costumo catalogar novas espécies de animais e plantas, seja em nome da universidade ou por conta própria, e isso inclui pesquisas por todo o mundo. Dessa vez tive sorte, viajo a bordo do “The King Of The Oceans”, um navio magnífico, claro que na maioria das vezes, nem todos são tão virtuosos assim.

Consegui minha hospedagem nesse belo navio, por uma pequena barganha, devo admitir. Fiquei encarregado de registrar todos os acontecimentos, de nossa viagem, e de compartilhar minhas observações sobre as culturas dos povos que fazíamos comércio, ou seja, minha pesquisa e meus estudos sobre tudo que diz respeito a eles. Em troca, o senhor George e seus superiores me ofereceram uma acomodação confortável, permissão livre para minhas anotações, sem ter que pagar nada por isso. Acho que querem ficar íntimos dos gostos desses povos. Apenas negócios suponho!

Por volta das 11:30, em uma manhã ensolarada, com céu limpo e ventos fortes, nosso imediato avista algo distante, quase no horizonte. Achando se tratar de algum naufrago, olha pela sua luneta e confirma, sem sombra de dúvidas, é um navio. Uma embarcação tão grande quanto a nossa, parecia ser espanhola, porém, aparentava estar à deriva sem a tripulação no convés. Nosso capitão da a ordem de nos aproximarmos, talvez suspeitando que precisassem de ajuda. Estávamos apreensivos, pois não sabíamos quem estaria lá, poderiam ser piratas ou pessoas feridas, sobreviventes de algum ataque, talvez até mortos.

Graças aos bons ventos e ao desempenho do nosso navio, chegamos rápido, em poucas horas. Na medida em que nos aproximávamos, carregávamos os canhões e nossas armas, ficamos todos atentos a qualquer movimento, poderia se tratar de alguma armadilha, e a qualquer ameaça... dispararíamos.

Ficamos observando aquele pálido navio por algum tempo em silêncio, mas nada aconteceu, nenhum som, nenhum sinal de vida. A ausência de vozes fora quebrada somente quando nosso capitão gritou.

— Atenção! Aqui quem vos fala é o capitão George, do The King Of The Oceans, alguém pode me ouvir?

Novamente somos engolidos pelo silêncio, rompido apenas pelo som das águas quebrando na proa. O capitão então sem suas respostas, ordena que averiguemos o que está acontecendo. Os homens logo dessem um bote. Em seguida preparam outro para ele, claro que não poderia deixar de ir. Mas, isso depois de persuadi-lo bastante.

— Você não irá conosco professor, parte de minhas obrigações é zelar pela sua segurança e integridade, não sabemos em que condições está o navio, ou o que encontraremos lá, talvez doenças, piratas ou algum perigo maior. — Disse o capitão, tentando me fazer ficar.

— Entendo capitão, mas o senhor tem que compreender que parte das minhas funções também é registrar tudo que acontece dentro e fora do nosso navio, nem que para isso tenha que correr certos riscos. Sou os olhos e ouvidos de seus superiores, e estou ciente dos perigos que encontrarei. Mas não a como fingir que não avistamos uma embarcação desse porte à deriva, e não posso deixar essa página em branco.

— Tudo bem professor, vocês homens da ciência são pessoas bem curiosas hã? E o senhor é mesmo muito perspicaz, mas fique ao meu lado.

— Sim, senhor capitão, serei sua sombra...

E assim, parte da tripulação foi e alguns outros ficaram de sentinela, apontando suas armas para aquele misterioso navio, a qualquer perigo teriam permissão para disparar. Subimos lentamente como se fôssemos um bando de lesmas grudadas no casco. Caminhávamos levemente, nos deixando levar por aquela brisa fria.

O medo do desconhecido estava no olhar atento, na respiração lenta de cada homem. Engatilhando suas armas, entraram como sombras, silenciosos, vasculhando tudo. Percebi algo errado, quase que instantaneamente ao observar algumas coisas incomum.

Os quartos, estavam com suas fechaduras arrombadas, parecia que alguém fugia evitando alguma coisa, mas aquelas portas de madeiras não foram o suficiente para afastar. As gavetas com joias e até dinheiro, junto de outros pertences pessoais permaneciam no lugar, nada revirado, então afastamos a ideia de terem sido saqueados por piratas, e enquanto eu e o capitão olhávamos os alojamentos, fomos chamados por um dos homens.

— Capitão! Capitão George... aqui! — Ao ouvirmos, saímos e rapidamente fomos de encontro a ele.

— O que encontrou James? — Perguntou o capitão.

— Veja isso senhor. — Respondeu apontando. — O que terá feito isso? Algum animal estava solto aqui? — Nos perguntou assustado.

— Não um animal, mas uma pessoa, essas marcas são de unhas humanas. — Disse o capitão, passando a mão em longos riscos por toda a parede do corredor, parecia que algo havia puxado, fortemente, alguém, e que ele ou ela, teria lutado para não ir. Não sei o que ouvi ali, mas, quem ou o que arrastou aquela pobre alma, possuía uma força fora do comum.

Continuei a procurar por algo que nos revelassem, o real motivo, de tudo aquilo. A essa altura, os homens já haviam vasculhado tudo a procura de alguém, mas não encontraram nenhuma vida naquele navio. Então, se quiséssemos saber o paradeiro de toda tripulação, teríamos que encontrar, de alguma forma, pistas que nos revelassem o que realmente aconteceu ali.

Quando entrei na cozinha não pude deixar de notar algumas perfurações de tiros, na verdade, foram diversos, por todos os lados, me pareceu que eles estavam disparando em todas as direções: painéis, mesas, cadeiras e barris de vinho, todos atingidos. Mas nenhuma mancha de sangue, algo estranho para tantos disparos. Parecia que estavam atirando em fantasmas, ou em algo que não sangrava e que não conseguiam acertar.

Levantei então uma hipótese de motim, talvez a tripulação tenha se dividido, e acabaram matando uns aos outros, mas minha tese havia um erro, não era tão válida, pois até aquele momento não encontramos corpos, nem ao menos sangue derramado. De fato, encontrei a cozinha destruída, por todos os lados, o que poderia indicar algum desentendimento entre eles, mas poderiam

estar apenas se protegendo, defendendo-se de alguém ou alguma coisa. Já ouvi histórias sobre sereias, serpentes e polvos gigantes, mas, pessoalmente, não acredito nesses relatos de monstros marinhos.

Caminhei para a dispensa e constatei que tinham mantimentos o suficiente para meses. Descartei um suposto desentendimento por comida. Em outro compartimento, encontro pólvora e algumas armas bastantes deterioradas, e mais sinais de luta, alguns sacos carregados estavam com rasgos, feito por facas ou espadas. Alguém havia desferido vários golpes, mas pelas marcas, a lâmina só acertou os sacos e as paredes ao redor.

Aquela embarcação já me intrigava, algo bizarro acontecerá ali, tinha certeza. Suas provas mais concretas desapareceram, os corpos, e o que havia sobrado foram somente cenários destruídos, que comprovavam ter havido fortes confrontos, nada mais. Provavelmente alguém sumiu com os mortos. Talvez aquele navio fosse mais velho do que aparentava. Mas, se tal fato for esse, por que ninguém antes não o viu? E rebocou para as autoridades inglesas competentes?

Tentando esclarecer minhas dúvidas, adentrei mais a fundo nos mistérios que cercavam aquela velha embarcação, a fim de revelá-los. Agora me encontro no alojamento da tripulação. Ao entrar, vejo inúmeras facas, punhais e canivetes, de todos os tamanhos, fixados na porta. As pessoas que fizeram isso, estavam tão apavoradas, e arremessaram com tanta força esses objetos, que por pouco as lâminas não atravessaram a madeira. As imagens falavam por si, em total desespero, eles tentaram afastar algo que se aproximava, e suas facas foram usadas como único meio de defesa.

Mais outro cômodo sem respostas, apenas perguntas e dúvidas envolvidas em cenas de lutas. Até agora, constatei que houve resistência a algo! Mas o que? O que na verdade teria acontecido aqui? Subo para o convés e observo minuciosamente cada detalhe, e algo me chama atenção, algumas partes da madeira estão queimadas, em forma de círculos, alguns grandes e outros menores. E a ancora, ela foi arrancada, onde teria de estar, só resta parte de sua corrente. O que de fato aconteceu aqui, para romper algo tão resistente?

Estava tão concentrado analisando esses fatos, que tomo um susto ao ser abordado por Edward, nosso mais jovem aprendiz de marinheiro. Um rapaz talentoso, e um tanto inquieto.

— Professor Richard! Professor Richard...

— Não precisa gritar Edward, o que foi?

— O senhor George quer lhe ver, ele está na cabine do ex capitão desse navio. Acho que deseja mostrar-lhe algo importante.

— Obrigado filho, já estou indo.

Será que George encontrou alguma prova? Agora temos algo que revelará o paradeiro da tripulação? Pensei, saí às pressas me prontificando a atender seu chamado, e também para saber se teria encontrado algo revelador.

— Professor!

— Sim, capitão...

— Acredito que conseguimos algo significativo, veja!

Era um livro protegido por finas amarras de couro, parecia ser um velho diário, muito danificado, pressupõe ser do antigo capitão ou de alguém importante. Aquele frágil diário, deveria conter anotações, do que realmente acontecerá ali.

— Me parece ser um livro de anotações, talvez um diário de bordo! Não

sei ao certo capitão, está muito danificado. Sua capa de couro preservou alguma coisa, mas... não muito.

— Acha que pode extrair alguma informação? — Pergunta o capitão.

— Bom, conheço algumas técnicas de restauração, já trabalhei como restaurador na biblioteca da universidade, ajudei a recuperar alguns exemplares de livros bem raros. Talvez consiga recuperar essas páginas... farei tudo que estiver ao meu alcance.

E com aquele achado, saímos todos de lá, sem mais o que ver, ou o que procurar, prendemos aquele velho gigante de madeira ao nosso navio, com grossas cordas e precisos nós, e lá ele ficou; imóvel, parado, sem vida, mas cheio de segredos e envolvido por mistérios. Fui tomado por curiosidade para meus aposentos, e agora me prepararia para desvendar, o que aquelas folhas frágeis e amareladas tinham a nos contar.

Separei o pouco material que tinha disponível para esse tipo de trabalho, estava envolvido por algumas finas amarras de couro, com cuidado para não danificá-lo, cortei e consegui abri-lo. Suas folhas estavam grudadas devido a tinta da escrita, separei minuciosamente, uma por uma, claro que não tive êxito em todas as páginas, o que contribuiu para perda de muitas informações. Passei o dia todo nessa árdua e delicada tarefa, cansado, fechei os olhos meio que sem querer e dormi.

Passos rápidos e vozes me chamaram atenção, saio dos meus aposentos e me deparo com um ambiente estranho, não estava no The King Of The Oceans, mas em outra embarcação! Fiquei em desespero, quando cheguei ao convés não conhecia aquela tripulação, eles me olhavam como se não me quisessem por lá, perguntei onde estava e como tinha ido parar ali, mas ninguém me respondeu, era como se não existisse para eles.

Um homem grande, gordo, mal encarado surge gritando. — Por que? Por que vocês não nos deixam em paz? — E veio em minha direção apontando sua espada, disposto a me atacar. Corri fugindo dele por aquele lugar hostil, e ao mesmo tempo familiar, tentava me esconder, me perguntando como fui parar ali.

— Acha que pode escapar de mim? Seu cão sarnento! Ninguém pode, ninguém escapa de Osmar! — Dizia ele a me procurar.

Entre naquele navio desesperado sem saber onde pararia, ou o que aconteceria, por sorte encontrei um marujo com um saco de batatas, pedi a ele por favor que me ajudasse, pois aquele homem queria me matar.

— Vocês terão o castigo que merecem, por que não nos deixam em paz? O que fizemos a vocês? — Disse o estranho.

— O que! O que você está dizendo? — Perguntei — eu não compreendo, por favor ajude-me, não fiz nada! — Falei quase implorando.

E tirando minhas mãos dele, cala-se e afasta-se de mim sem oferecer nenhuma ajuda. Então ouço a voz daquele homem louco cada vez mais perto.

— Onde se escondeu seu bastardo? Sinto seu cheiro. — Gritava ele.

Estava certo que ninguém iria me defender, minha última esperança seria encontrar o capitão! Talvez ele poderia me proteger. Saí correndo como um louco para salvar minha vida, batendo em todos os quartos até resta somente um. E no final do corredor, a minha frente estava a cabine do capitão, e logo atrás de mim, o homem que por algum motivo estava decidido a me matar.

Olhei para o estranho e corri, ele apressou seus passos dando altas gargalhadas, acompanhadas de ameaças e xingamentos. Mas, por sorte, cheguei primeiro, a porta estava trancada e ele aproximava-se rapidamente.

Então, no desespero, decido arrombá-la, após a terceira tentativa ela se abre, caio meio sem jeito e vejo um senhor com quepe, sentado fumando cachimbo. Certamente seria ele, estaria a salvo agora. Ele levantou-se parecendo não entender o que se passava, saí engatinhando pedindo sua ajuda, até esbarrar em seus pés.

Aquele homem enlouquecido também chega à cabine, agora estou eu, com muito medo aos pés do capitão, rogando-lhe por socorro, pois ele seria minha última e única esperança.

— Ajude-me capitão, por favor, não sei por que ele quer me matar, não fiz nada eu juro, nunca o vi antes, nem essas pessoas e nem esse navio. Não sei como vim parar aqui.

O estranho que me persegue, parece não se intimidar com a presença do capitão, e veem em minha direção. O capitão, estático, me olha com ternura, a algo errado com ele, seu olhar melancólico me parece querer dizer algo. Mas antes que tente, sou agredido com vários golpes precisos de espada, vindo da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, parecia que estava sendo retalhado como um animal para ser servido no jantar, aquele açougueiro não parava. Grito... pois não me restava mais nada, além de tentar me proteger. De repente, escuto uma voz pronunciando meu nome.

— Acorde senhor Richard, acorde...

Eu apenas gritava sem parar, até levar um tapa e ser sacudido com força.

— Acorde Richard, foi só um pesadelo rapaz.

Então, quando abro os olhos, estou no convés, ao lado do mastro principal, banhado de suor, atormentado, com medo, sem saber o que me aconteceu. Edward e George estão ao meu lado me acalmando, eles me levam aos meus aposentos, e depois de me recompor e estar mais calmo, vou a sua cabine procurar saber o que de fato houve.

— Está se sentindo bem filho? — Pergunta o capitão.

— Sim, estou, não sei o que me aconteceu, nunca tinha passado por isso antes. Aquelas pessoas, aquele veleiro, me parecia ser tão real e familiar.

— Foi só um pesadelo, as vezes eles parecem serem bem convincentes aqui no mar, acredite. Por sorte, encontramos você antes que se atirasse as ondas, quando ouvimos seus gritos, eu e Edward, o pegamos no momento exato que subiu ao convés. Por Deus estávamos próximos, deveria ter nos contado que sofre de sonambulismo meu jovem.

— Mas eu não sofro, foi a primeira vez que passei por algo parecido.

— Estranho... enfim, conseguiu descobrir algo daquele velho diário?

— Ah! Sim, estou com ele aqui. Algumas frases estão incompletas, mas, mesmo assim, o que vai ouvir é revelador, e acho que gostará de saber.

— Bom, se o cavalheiro pensa assim, então não me conte agora, quero compartilhar essas informações com minha tripulação.

Em todas as viagens que fiz, por todos os mares que naveguei, entre todos os capitães que conheci, nunca havia tido um tão nobre quanto George. Fez questão de chamar toda a tripulação, e não manteve segredo de nada. Outros em sua posição, não fariam o mesmo, por isso ele se tornou tão amado e respeitado por todos, não pelo fato de ser o número um na hierarquia daquele navio, mas por ser um homem bom e honrado com seus subordinados.

— Então... acho que já estão todos aqui, com exceção do senhor Wilson, que está no timão. — Disse o capitão, me passando a palavra.

— Senhores, somos homens afortunados, quando ouvirem o que descobri

nessas páginas velhas, comemorarão por dias, com certeza a sorte nos sorriu.

— Diga-nos logo professor, não faça suspense, estamos curiosos. — Diziam já contentes e sorridentes os rapazes, esperançosos por boas notícias.

— Pois bem escutem-me todos: *“Estamos voltando de mais uma expedição em uma das nossas colônias. Tudo saiu como o planejado, voltamos com a carga e mais algumas especiarias de valor para nosso amado país. Estamos todos com saudades de nossos pais, filhos e mulheres, eu, em especial de minha amada Melisa, e de nossa filhinha que está por nascer, Olivia...”*

— Acho que temos um capitão apaixonado e cheio de planos aqui, hahahahaha... — disse Harry, sem imaginar o que ainda estaria por vir.

— Certamente meu bom amigo, mas escute o que ele ainda tem a dizer: *“...Depois de alguns meses no mar, graças a Deus tudo permanece calmo. Os homens dizem estarem vendo algumas luzes estranhas, bem distantes, nos seguindo a noite. Suspeitam se tratar de piratas, mas achei bem improvável, por via das dúvidas, preparamos os canhões para uma eventual emboscada.”*

“Alguns dias depois dos avistamentos daquelas luzes, algo inexplicável nos aconteceu, por volta de duas e meia da manhã, fui acordado por gritos, era Lorenzo, estava em pânico. Vesti-me rapidamente e quando já me aproximava do convés, ele e Fernandes descem em choque e esbarram em mim.”

— *“Capitão não vá! — Assustados e segurando fortemente meus braços eles disseram. — Aquele monstro capturou Alejandro, Costa e ...(ilegível)... todos de uma vez. Perguntei ...(ilegível)... e o porquê! Mas eles não souberam responder, então peguei minha arma e subimos. Mas não havia nada, apenas algumas marcas no piso do convés, como se algo muito quente estivesse ali e houvesse queimado a madeira”*

— *“Onde estão eles e ...(ilegível)... dessa forma! — Perguntei. Eles somente diziam que aquelas luzes que nos seguiam, surgiram de repente e a noite virou dia, com o sol sobre o navio, outros diziam que eram anjos enviados por Deus para levá-los. A tripulação foi tomada por uma histeria de loucura e pânico, cabia a mim, capitão Joseph acalmá-los.”*

“Achei inicialmente que estavam bêbados, mas não vi nenhuma garrafa de vinho ou rum e nenhum comportamento que ...(ilegível)... além do mais, confio nos meus homens. Após interrogar um por um, não encontrei uma explicação plausível para o que havia acontecido, tinha acabado de perder dois bons marujos. Como contaria as autoridades que uma luz, semelhante ao sol, veio e sumiu com eles? Parecia loucura!”

“Ficamos de sentinela a noite toda, armados, com medo, mas dispostos a enfrentar aquilo, seja lá o que fosse. Mas naquela noite, e nas outras seguintes nada aconteceu ...(ilegível)... e tudo calmo, somente o ânimo da tripulação me preocupava, eles estavam tristes e desmotivados, com medo da escuridão da noite. Por duas semanas seguidas nada fora do normal. Mas, sabíamos que aquela coisa que os rapazes chamavam de “o sol”, poderia e iria voltar.”

— *“Veja capitão! As luzes, elas estão nos seguindo, veja com seus próprios olhos. — Disse um dos marujos, me passando a luneta. Após conferir, vi algo que se movia no céu de maneira estranha, com certeza não era nenhuma estrela, estrelas não se movem, tento acalmar os nervos dos homens e em seguida nos preparamos para um possível confronto, seja lá o que fosse aquilo.”*

— *“Peguem todas as espadas, pólvoras e armas que encontrarem — ordenei — bolaremos um plano para descobrir de uma vez por toda, que coisa é essa.”*

— “Deve ser um fantasma capitão. — Diziam alguns dos rapazes.”

— “Seja lá o que for, não fugiremos nem tão pouco ficaremos amedrontados, escutem! Enfrentaremos e derrotaremos isso. Assim como já fizemos antes com piratas e ingleses, e se não conseguirmos tal feito, não nos renderemos e cairemos lutando.”

“Após pronunciar essas palavras, os ânimos se elevaram e a tripulação aos gritos e encorajada, preparou-se segundo minhas ordens. Mas no fundo, não tinha a mínima ideia do que diabos fosse aquilo, Jesus Cristo nos ajude! Estava com medo, mas não deixei me abalar e nem eles perceberem. Aquela luz laranja se aproximava cada vez mais rápido. Apontamos os canhões em sua direção, e quando aquilo entrou no alcance de nossas armas... disparamos.”

— Espera aí! Você está me dizendo que esse navio foi atacado por fantasmas? Por um sol? Por luzes? Que estupidez! Certamente o capitão não estava em seu estado normal para escrever isso. — Questionou um dos homens, totalmente incrédulo.

— Como ouvimos até o momento, são relatos do antigo capitão meu caro Oliver. Não sei o que realmente aconteceu, já ouvimos muitas histórias de serpentes marinhas, sereias e até polvos gigantes que afundaram navios, mas para falar a verdade, nunca ouvi algo parecido com isso. Não acha estranho um navio desse sem tripulação? Sem nada roubado? E tudo no seu devido lugar? Sem nenhuma evidência que comprove que foram invadidos? Certamente nenhum de nós jamais nos deparamos com algo parecido. Agora se os cavalheiros me permitem, gostaria de continuar.

— Por favor senhor Richard, nos conte o restante dos relatos. — Disse o capitão, que como a tripulação, estava ansiosa por saber o que aquele velho diário de bordo ainda tinha a nos revelar.

— Como dizia antes: ...“disparamos, mas nada parecia atingir aquilo, saraivadas de tiros sem sucesso, e a luz continuava aproximar-se, então...(ilegível)... para o nosso plano. Todos deixaram os canhões e foram para seus postos. Quando aquilo chegou ao nosso navio, tudo ficou claro como o dia, como os rapazes descreveram antes, mas não acredito se tratar de um sol ou anjo, nada do tipo, o que consigo ver é uma luz muito forte, que movimentava-se sobre nós, e que sua origem para mim é totalmente desconhecida.”

“Por alguns minutos ficamos observando, estáticos, com medo e em silêncio. Quando de repente, Ruan se precipita e dá o primeiro disparo, não causando danos nenhum aquilo, em seguida com uma faca na boca e outras em cada mão, salta em cima daquela coisa que se desvia com uma rapidez nunca antes vista por mim, acho até que desapareceu e reapareceu, não sei ao certo, foi muito rápido. O que sei foi que Ruan caiu direto no chão, levantou-se meio atordoado da queda, sacou suas duas armas e disparou, mais, não adiantou de nada, pois as balas não atingiam aquela coisa.”

“Pobre homem, todos sabíamos, inclusive ele, que ali seria seu fim. Se sacrificou pela tripulação em um gesto de coragem, um companheiro e valoroso amigo, que vemos morrer sem podermos fazer nada para ajudá-lo.”

“Outra luz maior apareceu, essa tinha o dobro de tamanho e de intensidade da primeira, ficou um pouco acima do navio, e lançando um feixe de luz sobre Ruan, imobilizou todos seus movimentos, deixando-o totalmente estático. Parecia uma estátua de mármore, branca e imóvel, e quando a intensidade da luz aumentou, fechamos os olhos e quando abrimos, não estava mais lá. É como se ele estivesse sido evaporado ou sugado para dentro daquilo,

simplesmente sumiu, ficando somente um forte cheiro de madeira queimada, e suas armas largadas no chão,”

— Bem, já sabemos o que, queimou, a madeira e fez essas marcas no convés. — Comentei.

— As luzes? — Perguntou um dos homens, demonstrando estar um pouco assustado.

— Sim cavalheiro, as luzes. — Respondi.

Agora, voltando ao diário: *“Então ficamos dentro do navio, de armas apontadas para a porta trancada. Todos em silêncio até que alguém sussurrou. — Como vamos lutar contra algo que nem balas, nem lâminas conseguem atingir? — Todos olharam para mim esperando alguma resposta, ou talvez algumas palavras para acalmá-los. Mas no fundo, acho que todos sabíamos que seria o nosso fim.”*

“Então disse. — Não sei que espécie de demônio é esse, mas não nos resta nada a não ser lutar com o que temos, nós ...(ilegível)... ter sido os melhores, foi uma honra servir com os senhores cavalheiros, e será uma honra morrer ao lado de homens como vocês. — Após dizer essas palavras, alguns que ainda conseguiam raciocinar disseram. — A honra é toda nossa capitão! — E antes de falar novamente, nossa embarcação tremeu, como um terremoto em alto-mar sacudindo nosso navio, e sobre as pequenas frestas da maciça porta, uma bola de luz atravessa, como raios de sol, e se põe a nossa frente.”

“Os homens sacam suas armas, e atiram, quando a munição acaba, arremessam suas facas, espadas e tudo que tem em mãos. Mas como antes, sem nenhum efeito. O pânico toma conta de todos, e então saímos correndo procurando abrigo. Vejo aqueles homens hora antes destemidos e experientes marujos, agora fugirem como crianças com medo do escuro.”

“Eu e o meu contramestre nos abrigamos em minha cabine. Vi alguns dos rapazes se escondendo na cozinha, outros no compartimento de munições, despensa, enfim... estávamos jogados a nossa própria sorte. De onde estava ouvia os gritos da minha tripulação, um a um eles foram sendo silenciados, até não ouvirmos mais vozes.”

“Só restou eu e o contramestre vivos, estávamos por debaixo da minha mesa, e por mim teríamos permanecidos ali até todo esse pesadelo passar, mas ele teve outra ideia, diria que um tanto suicida. Tentei convencê-lo a desistir, mas não quis me ouvir.”

“Podemos pegar o bote, abandonaremos esse navio amaldiçoado e remaremos para longe. — Disse ele, sugerindo desobedecer a nossas ordens e deixar para trás nossa mercadoria de cinco milhões em ouro espanhol...”

Quando pronunciei essas palavras, ouve um verdadeiro reboiço na tripulação, ficou impossível de concluir, todos falavam ao mesmo tempo, devo confessar que até eu me surpreendi, a primeira vez que li.

— Você disse cinco milhões em ouro? Foi isso mesmo? — Me questionavam os homens.

— É! Parece que sim, pelo menos é o que está escrito aqui. — Respondi.

— Quer dizer que estamos todos ricos! Ricos amigos! Ricos! — Diziam outros.

— Mas onde está essa carga? Já vasculhamos todo o navio. — Perguntavam-se.

— Talvez em algum compartimento secreto, procuraremos, nem que tenhamos que desmontar ele todo. — Respondiam outros.